

O estudo da cultura africana e afro-brasileira na formação inicial do professor de arte

Mariza Missako Sakamoto

mzmariza@yahoo.com.br

Faculdade Mozarteum de São Paulo – FAMOSP

Resumo: O artigo aborda o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na escola, previsto na lei 10.639/03, com o objetivo de apresentar a complexidade deste assunto para promover a desconstrução de preconceitos e estereótipos, respeitando-se as diferenças através da aquisição de conhecimento. É abordado o conceito de cultura africana e afro-brasileira e sua inserção no contexto escolar. A pesquisa indica a importância deste estudo na formação inicial do professor de arte, relatando uma experiência no curso de Artes Visuais da Famosp, que culminou no projeto Totens, integrando pesquisa, criação, elaboração de oficina e participação em fórum e simpósio, possibilitando metodologias de ensino e ampliação do saber no campo da educação através da arte.

Palavras-chave: Arte afro-brasileira; ensino de arte; formação docente.

Abstract: The article covers the teaching of Afro-Brazilian history and culture at school prescribed by law 10.639/03 with the objective to present the complexity of this subject to promote deconstruction of prejudices and stereotypes, respecting the differences through the acquisition of knowledge. It approached the concept of African and Afro-Brazilian culture and its insertion of school context. Research indicates the importance of this study on early formation of art teacher reporting an experience in the course of Visual Arts of Famosp that culminated in the project totems, integrating research, creation, elaboration of workshop and participation in Forum and Symposium, enabling teaching methodologies and expansion of knowledge in the field of education through art.

Keywords: Afro-Brazilian art; teaching art; teacher education.

Introdução

Falar sobre cultura africana e afro-brasileira não é algo simples. Em primeiro lugar, a noção do continente africano é muitas vezes baseada em informações estereotipadas de uma África primitiva e homogênea – um conceito equivocado.

O continente africano possui hoje cinquenta e três países e seus povos são diferentes uns dos outros quanto às características físicas, culturas e línguas (LOPES; GALAS, 2006). De lá, um grande número de escravos veio para o Brasil, dos séculos XVI a XIX, partindo de diferentes regiões da África e desembarcando em terras brasileiras, em vários portos como o de Salvador e do Rio de Janeiro. Depois eram vendidos para trabalhar em diversos lugares do nosso território.

Sistematicamente embaralhados, a disposição a que eram submetidos impossibilitava comunicar-se com outros que se encontravam em situação semelhante no seu próprio idioma ou dialeto, “dificultando intercâmbios, agrupamentos e uniões de modo a impedir revoltas, insurreições” (CONDURU, 2007, p. 14). Portanto, a diversidade das culturas africanas é enorme e precisa ser considerada.

Em segundo lugar, se examinarmos a definição de cultura como um conceito antropológico, de acordo com Laraia (2003), veremos a complexidade de sua natureza. Para Kroeber (apud LARAIA, 2003), ela determina o comportamento do ser humano, justificando suas realizações na sociedade e é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores.

A cultura é dinâmica, pois o homem tem a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los, conforme a necessidade, ao longo dos tempos.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. (LARAIA, 2003, p. 101)

Por isso, o termo cultura africana é muito abrangente e generalizado, tornando-se necessário fazer um recorte preciso na história, selecionando alguns aspectos fundamentais para o entendimento da situação do negro no Brasil e, conseqüentemente, a formação de uma cultura negra brasileira, bem como sua contribuição para a História do Brasil, como prevê a lei 10.639/03, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “*História e Cultura Afro-Brasileira*”, que inclui como conteúdo programático “o estudo da história da África e dos Africanos, a luta do negro no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil”. (BRASIL, 2006, p. 22)

Um terceiro ponto a ser observado é a significação da palavra afro-brasileira, o que se constitui num grande desafio e para melhor elucidar a questão,

Afro-brasilidade pode ser entendida como expressão que designa um campo de questões sociais, uma problemática delineada pelas especificidades da

cultura brasileira decorrentes da diáspora de homens e mulheres da África para o Brasil e da escravidão deles e de seus descendentes, do século XVI ao XIX. (CONDURU, 2007, p. 10)

Assim, a cultura afro-brasileira pode ser abordada como um campo plural, não indicando apenas a produção por afrodescendente brasileiro, e sim considerando a diversidade de práticas vinculadas à cultura afro-brasileira, em seus diferentes aspectos.

Finalmente, chegamos à educação e com ela novos questionamentos surgem: como a cultura africana pode ser estudada no contexto da atualidade de nossas escolas? Que abordagem será a mais adequada para os alunos brasileiros? Como relacionar a cultura africana e afro-brasileira para o processo de construção de uma identidade nacional? E mais especificamente no campo da arte (objeto deste estudo), como abordar a produção artística, conscientizando os estudantes sobre a importância da arte africana e afro-brasileira em nossa formação cultural, com a devida valorização e respeito?

É preciso refazer e dialogar com os conceitos já existentes em nossa sociedade, estabelecendo novas definições e buscando novas metodologias de ensino, pois se torna necessário e urgente um plano de ação educativa para que o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira seja efetivado na escola.

Uma das premissas é a constituição de um perfil de professor-pesquisador que procure, constantemente, por esclarecimentos que o auxiliem a compreender melhor a situação do negro na sociedade atual, para a construção da identidade racial, através da educação das relações étnico-raciais.

Vários estudiosos, como Rocha (2010), defendem a aquisição de conhecimentos efetivos sobre o continente africano, buscando conteúdos desses fatos da humanidade e trazendo-os para o cotidiano escolar, preenchendo assim as lacunas deixadas pela história e promovendo a quebra de estereótipos. Desconstruir preconceitos, enxergar e respeitar as diferenças, construindo ações para estabelecer relações coletivamente, é o desafio da educação escolar hoje.

O presente artigo abordará a importância da educação multicultural no contexto da atualidade, bem como o desafio para o desenvolvimento da temática Cultura Africana e Afro-brasileira através da arte. Por fim, será apresentado um trabalho

desenvolvido no curso de formação inicial do professor de artes visuais, como possibilidade de criação através da pesquisa, experimentação e vivência, na forma de relato de experiência e sua posterior análise reflexiva.

A cultura afro-brasileira e africana na escola: uma educação multicultural

O trabalho com a temática *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* na escola possibilita a aquisição de conhecimentos, desconstruindo preconceitos e promovendo o respeito e a valorização das diferenças. Para isso, é preciso considerar a multiculturalidade na sala de aula.

O termo *multiculturalidade* indica a presença de múltiplas culturas na sociedade atual. A educação multicultural promove “o cruzamento cultural das fronteiras entre as culturas” (RICHTER, 2002, p. 88), através de um adequado acesso aos diferentes códigos culturais, não limitando somente ao estudo da riqueza da diversidade cultural, mas apresentando também o problema da discriminação e da desigualdade social.

Por muito tempo, acobertada pelo “mito das três raças”, a sociedade brasileira negou a discriminação, tornando-a ainda mais cruel, pelo fato de não ser explícita. Hoje, precisamos rever esta situação e tentar reverter esse quadro. Existe uma grande diferença entre a diversidade cultural, fruto da diferenciação entre as culturas e da singularidade de cada grupo social, e a desigualdade social, fruto da relação de dominação existente em nossa sociedade. (RICHTER, 2002, p. 89-90)

Não se trata de reduzir as distinções. Pelo contrário, a identidade cultural se constrói através das evidências das diferenças, pois procurando “igualdade sem considerar as diferenças é obter uma pasteurização homogeneizante”. (BARBOSA, 1998, p. 80)

No campo educacional, torna-se necessário que o professor conheça e compreenda a heterogeneidade da comunidade escolar, constituindo-se num referencial para a elaboração de um caminho metodológico, com conteúdos adequados à sua realidade. Por isso é importante o educador ter a capacidade de escuta, para perceber a necessidade do grupo através da observação de aspectos do cotidiano dos alunos, suas singularidades e interesses e a partir daí construir práticas de respeito e valorização da matriz africana e afro-brasileira de nossa sociedade.

Atualmente, o termo que melhor identifica o inter-relacionamento entre os códigos culturais de diferentes grupos é apresentado como interculturalidade,

Uma educação inclusiva no seu sentido mais amplo, respeitando as individualidades pessoais e as características culturais de todos os grupos presentes em sala de aula e que compõem a nossa sociedade, de forma a propiciar uma educação mais justa e um tratamento mais igualitário para todos. (RICHTER, 2008, p. 105)

O estudo da história e das culturas africanas permite um novo olhar sobre a África, para além dos estereótipos da miséria e dos conflitos e o conhecimento da cultura afro-brasileira nos permite entender melhor o Brasil e sua pluralidade cultural. O reconhecimento da marcante influência africana e afro-brasileira em nosso cotidiano amplia a discussão no espaço da escola, mobilizando saberes e promovendo outras maneiras de perceber o mundo e pensar a realidade, acolhendo as diferenças e questionando visões da cultura hegemônica para a construção de um país mais justo e democrático.

Além disso, através da capacidade de escolha, a educação “deve produzir possibilidades de diferentes identificações, deve privilegiar não a igualdade, mas a diferença tanto quanto possível aos referenciais dos grupos que compõem nossa sociedade”. (SOUSA, 2010, p. 56)

É preciso uma prática educativa de resgate de todas as culturas presentes na escola, promovendo a inclusão de todos, pela valorização de sua riqueza, exatamente por sua diversidade e um dos caminhos possíveis é através de uma efetiva educação em arte.

A arte africana e afro-brasileira em sala de aula na construção de uma identidade

O trabalho com a temática Cultura Africana e Afro-Brasileira nas aulas de arte requer um estudo mais específico no campo da produção artística. Isso exige do professor uma constante pesquisa para o estudo em questão.

De acordo com Sales (2005), os artefatos produzidos na África, de uso decorativo e ritual, no contexto dos museus, tornaram-se objetos artísticos devido à impressionante qualidade estética, abrindo campo de investigação para a arte europeia.

Retirados de seu ambiente, os significados desses objetos permanecem desconhecidos para nós, porém, suas produções são dotadas de grande força expressiva, levando os estudiosos a examinar a enigmática materialidade africana. As imagens escultóricas instigam o nosso pensamento acerca da vida das sociedades africanas, suas diferentes etnias e períodos históricos distintos.

Misteriosos, esses materiais revelam o modo de vida dos povos, suas culturas, a história da comunidade e do seu cotidiano. Os objetos fazem alusão a essas percepções de mundo, manifestando estilos bem definidos.

No Brasil, a cultura africana, em sua diversidade, sofreu adaptações de crenças, valores e hábitos, adequando-se à realidade deste país, conforme necessidade e condições locais, pois “transportados forçosamente e escravizados, os africanos estiveram impedidos de reproduzir livremente suas culturas no Novo Mundo”. (CONDURU, 2007, p. 13)

Para a constituição de uma arte genuinamente afro-brasileira é preciso considerar a estética, o destacado papel da religiosidade africana tradicional e o cenário sociocultural do negro em nosso país, como propõe Salum (apud CONDURU, 2007).

As apropriações da cultura europeia e aproximações com os costumes de outros povos (nativos, ciganos e orientais) criaram diálogos com as diferentes culturas presentes na sociedade brasileira. Surge, então, uma arte sincrética, com fortes traços da religiosidade, unindo tradição africana e suas ressonâncias no Brasil. Todavia, esse tipo de obra ainda é marginalizado em nossa sociedade, constituindo-se numa arte de resistência à espera de intérpretes sensíveis (CONDURU, 2007).

As produções artísticas desde meados do século XX trazem uma característica singular e original, explorando diversas formas de abordagem de temas, ultrapassando a dimensão folclórica. São configurações ora abstratas ou geométricas, ora simbólicas ou míticas, constituindo-se como arte afro-brasileira.

Nesse contexto, a arte afro-brasileira marca sua presença na sociedade contemporânea, pelos esforços e realizações dos artistas, que abrem caminhos e indicam rumos, levando-nos a reflexões sobre o valor de seus trabalhos, sendo parte integrante na formação da cultura brasileira.

Ao perceber essas intrincadas relações, o professor poderá explorar aspectos da arte afro-brasileira com os estudantes, propondo discussões conceituais a partir de imagens artísticas, comparando semelhanças, diferenças e reconhecendo a plasticidade das obras, bem como a valorização das práticas culturais afrodescendentes.

Mas como efetivar um trabalho sobre cultura africana e afro-brasileira através da arte? Para melhor exemplificar a questão, será descrito um trabalho realizado no curso de Licenciatura em Artes Visuais, resultando na criação de objetos escultóricos, intitulados *Totens*, dotados de grande valor simbólico – uma atividade bastante significativa para os futuros professores de arte, como veremos a seguir.

Estudo sobre arte africana e afro-brasileira no curso de licenciatura em artes visuais: um relato de experiência

Para o desenvolvimento de estudos sobre intervenção urbana, o tema *Arte africana e afro-brasileira* foi apresentado aos alunos do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais, na disciplina Oficina de Criação Tridimensional, em atendimento à lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Este tem sido um desafio para os professores de Língua Portuguesa, História e Artes, suscitando diversos questionamentos: como abordar o assunto? Qual enfoque é o mais adequado? De que forma trabalhar a cultura africana em sala de aula, para que, de fato, seja um acréscimo ao conhecimento e promova mudanças justas e necessárias, melhorando as condições de vida dos cidadãos afrodescendentes, com respeito e dignidade, pelo acolhimento da sociedade, no tocante à diversidade que existe em nosso país?

Em primeiro lugar, torna-se indispensável que o professor sinta-se seguro quanto à abordagem junto aos estudantes e, para isso, é preciso investir em sua formação continuada através de estudos para entender melhor esta complexa cultura, procurando caminhos viáveis para o desenvolvimento de um bom projeto educativo. Depois, é preciso ser capaz de fazer alguns recortes pontuais, ou seja, uma

delimitação do tema, elegendos aspectos da cultura a ser trabalhada. Por fim, dedicar-se ao projeto junto com a turma, em busca de um aprendizado significativo, tanto para o professor quanto para os alunos.

Mas é igualmente importante trabalhar estas questões durante o curso de formação inicial. Assim, no curso de Licenciatura em Artes Visuais, é necessário garantir uma boa formação dos futuros arte/educadores, para que sejam capazes de trabalhar esta temática tão importante, mas ao mesmo tempo controversa, devido ao grau de complexidade que envolve, pois a cultura é um conceito muito amplo, porém, torna-se necessário e urgente tal abordagem.

Por este motivo, foi proposto um trabalho de pesquisa junto aos estudantes universitários da Faculdade Mozarteum de São Paulo (Famosp), iniciado em 2011 e estendendo-se no ano de 2012. A professora responsável pela orientação do projeto é a autora deste artigo.

Para o melhor entendimento sobre cultura africana e afro-brasileira, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o assunto, composto por livros de arte, fotografias, catálogos de exposições, artigos e textos extraídos da Internet. Por iniciativa própria, os estudantes também assistiram a uma palestra sobre cultura afro-brasileira para professores, na unidade do SESC Belenzinho (Serviço Social do Comércio), em São Paulo, ampliando a compreensão sobre a influência da crença, costumes e hábitos africanos na cultura brasileira.

Tudo foi observado atentamente, havendo trocas de informações entre os alunos, comparando-se anotações pessoais e textos lidos em busca da melhor ideia para o desenvolvimento do trabalho. As imagens de esculturas africanas tornaram-se marcantes durante a apreciação do material bibliográfico trazido para a aula, bem como explicações obtidas na palestra. Figuras entalhadas em madeira, usadas em cultos religiosos, carregavam valores e tradições dos povos da África.

Este fato suscitou indagações e novas associações com a cultura brasileira: as esculturas africanas remetiam à ideia de carrancas usadas nos barcos de pescadores, como símbolo de proteção e também aos totens, presentes nas tribos primitivas, contando a história dos homens, suas conquistas, aquisições e grandes feitos. Esta foi uma incrível descoberta e trouxe para o grupo novas perspectivas.

Então, o projeto caminhou nesta direção. O totem era um objeto que se adequava à proposta e poderia ser transformado em figura escultórica, inspirada nas peças africanas, contando histórias e, simbolicamente, criando a própria história.

Assim, o grupo procurou informações a respeito de totens: sua origem, características e evoluções através dos tempos. Pesquisando sobre o totem na arte, surgiram as obras de Rubem Valentim, no Brasil, e esculturas em madeira da África. As informações adquiridas estimularam os alunos à criação do próprio totem, quando cada estudante elaborou a sua peça, baseando-se em alguns aspectos da cultura africana e afro-brasileira, em fusão com a própria história de vida, compondo a sua identidade pessoal.

O material selecionado para a construção do trabalho foi a caixa de papelão, pela sua versatilidade e facilidade de aquisição, além do reaproveitamento de material, ação condizente com a atual necessidade de reciclagem para uma vida sustentável (Figs. 01 e 02).



Fig 01: Caixa de papelão durante a montagem.



Fig. 02: processo de papietagem.

As caixas foram sobrepostas com fita adesiva, da altura de uma pessoa (1,50 a 1,70m, aproximadamente), encaixadas e trabalhadas com a técnica do empapelamento (fornado com papel) e papietagem (técnica que consiste em misturar tiras de papel e cola, tornando a peça mais encorpada), além da colagem de papéis previamente recortados e montados. Após a secagem, foram pintadas com tinta,

colocando-se alguns adereços naturais para decoração e acabamento. Assim, os totens surgiram em sua grandiosidade e simbolismo (Figs. 03 e 04).



Fig. 03- pintura da peça com tinta spray.



Fig. 04- acabamento da peça

Colocados lado a lado, estes objetos foram expostos no saguão da faculdade, em uma exposição intitulada “Totens”, criando relação com o espaço da instituição, proporcionando um ambiente calmo e tranquilo – um convite à reflexão, estimulando o imaginário das pessoas que por ali passavam, a respeito da cultura africana e afro-brasileira (Fig. 05).



Fig. 05 – Exposição Totens

Foi um aprendizado bastante significativo para os alunos participantes, que também são afrodescendentes e futuros professores de artes visuais, descortinando saberes velados da ancestralidade e, ao mesmo tempo, indicando possibilidades para um efetivo trabalho pedagógico, por meio da pesquisa e prática educativa.

Esta proposta foi iniciada em março e concluída em junho de 2011. Em 2012, a turma foi convidada para apresentar o projeto “Totens” em forma de oficina, no *IV Fórum do Ensino Superior sobre os Desafios para o Ensino de História e Cultura Africana e Indígena* promovido pela Secretaria Municipal de Participação e Parceria, através da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (CONE), em São Paulo, que aconteceu no mês de outubro.

A oficina foi elaborada a partir do conhecimento adquirido com os totens e intitulada “*O totem no ensino de arte para o estudo da cultura africana e afro-brasileira*”, na qual os alunos puderam compartilhar saberes e descobertas com os participantes do evento, por meio do relato de experiência e a orientação para a confecção de um minitotem, simbolizando a temática apresentada. Para esta oficina foram utilizadas sucatas de papelão encaixadas e coladas, com resultados diversificados (Figs. 06 e 07).



Figs. 06 e 07: momentos da oficina.

No mês de novembro, em comemoração ao Dia da Consciência Negra, o trabalho desenvolvido ao longo de dois anos foi apresentado na modalidade Comunicação, durante o *I Simpósio de História e Cultura Africana e Indígena – Famosp Conta e Canta a História*, na sede da Faculdade Mozarteum de São Paulo, sob o título “*Arte africana e afro-brasileira na educação: construção de uma identidade*”. A palestra mostrou possibilidades de trabalhos sobre esta temática, abrindo espaço para a reflexão e criação de novas ideias no ensino de arte.

Reflexão do processo vivido

Esta pesquisa proporcionou muito aprendizado ao longo do percurso. A importância da cultura africana e afro-brasileira como abordagem nas aulas de arte, em sua diversidade e riqueza, foi compreendida pelos estudantes universitários no papel de arte/educadores que desempenharão futuramente, no exercício de sua profissão.

Durante o processo de elaboração das peças, algumas dificuldades técnicas surgiram. Houve momentos de cansaço e desânimo nos alunos, pois os totens eram grandes e a confecção demorada. Foi necessário fazer uma adaptação, de acordo com a capacidade de cada um. Porém, prevaleceu a vontade de concluir o trabalho, que se apresentou como um grande desafio. Os acertos e os erros integram o

aprendizado do educando e, nesse sentido, a vivência prática e teórica foi de fundamental importância para o êxito do projeto. Esta é uma atitude positiva a ser cultivada, pois, de acordo com Schön (1997), o professor pode aprender com os próprios erros e esse reconhecimento é bastante estimulante. Portanto, é preciso criar condições para uma prática reflexiva, ou seja, refletir na ação sobre o que aprende.

O interesse pelo tema aumentou significativamente, motivando o grupo para a busca de mais informações sobre o assunto, aquisições de novos livros e a participação no Fórum, bem como no Simpósio, em 2012. Esse processo ampliou conhecimentos e referências, promovendo novos olhares e possibilidades de criação, tornando o projeto rico e viável, no campo da educação através da arte.

Considerações finais

O estudo da cultura africana e afro-brasileira torna-se imprescindível no contexto da atualidade, considerando a constituição do povo brasileiro, pois conforme dados do IBGE, datados de 2008, a população brasileira é composta por 48,8% de brancos e 50,6% de negros (pretos e pardos), segundo autodeclaração dos informantes (HERINGER, 2010).

Conhecer as matrizes africanas, bem como a cultura afrodescendente brasileira é reconhecer-se como parte integrante do meio social. É assumir sua identidade, numa sociedade multicultural, cuja diversidade necessita ser compreendida em seus mais diferentes aspectos.

Não se trata de uma transposição, mas, antes, de desenvolver uma atitude de pertencimento social através da informação e do esclarecimento do passado, de sua própria história, a conquista de oportunidades no presente, para a construção de um futuro mais justo, humano e solidário, com igualdade de oportunidade para todos, sejam brancos, negros, pardos, amarelos ou indígenas.

Desta forma, o futuro professor poderá reconhecer e respeitar a diversidade étnico-racial, através de situações educativas, estudando contextos, propondo intervenções na escola junto aos alunos, com respeito, valorização e garantia de direitos. O acesso ao conhecimento permitirá estabelecer relações raciais, refletir



sobre a atual condição do ser humano na constituição da cidadania, produzindo saberes por meio de textos, imagens e formas artísticas, rumo à construção de uma sociedade mais justa.

O caminho é árduo e há muito a ser feito ainda, mas são desafios que precisam ser vencidos e a educação é a melhor via na superação de preconceitos e injustiças sociais.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. 3. ed. Bauru: Edipro, 2006.

CONDURU, Roberto. *Arte Afro-Brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais na educação e ação afirmativa no Brasil. In: LAIA, Maria Aparecida de; SILVEIRA, Maria Lucia da. (Orgs.). *A universidade e a formação para o ensino de história e cultura africana e indígena*. São Paulo: Coordenadoria dos Assuntos da População Negra/Secretaria Municipal de Participação e Parceria /Prefeitura de São Paulo, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LOPES, Ana Lucia; GALAS, Maria da Betânia. *Uma visita ao Museu Afro Brasil*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2006.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interculturalidade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 85 – 93.

_____. Arte e interculturalidade: possibilidades na educação contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Sesc SP, 2008, p. 105 – 111.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Pensando os referenciais para a organização de práticas pedagógicas sobre as relações etnoraciais*. Conferência proferida no II Fórum do Ensino Superior sobre os desafios para o ensino de História e Cultura



Africana e Indígena. São Paulo: Secretaria Municipal de Participação e Parceria, 2010. (Anotações pessoais).

SALES, Heloisa Margarido. Arte da África: leituras de obras. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 163 – 186.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1997, p. 77 – 91.

SOUSA, Romilson da Silva. Ações afirmativas e a lei 10.639: elementos para outra cultura educacional. In: LAIA, Maria Aparecida de; SILVEIRA, Maria Lucia da (Orgs.). *A universidade e a formação para o ensino de história e cultura africana e indígena*. São Paulo: Secretaria Municipal de Participação e Parceria, 2010, p. 49 – 75.